

# O PROBLEMA DA FALTA DE SUBALTERNOS

Ten-Cel Art (QEMA)  
EVERALDO DE OLIVEIRA REIS  
Instrutor da ECEME

## INTRODUÇÃO

Tem-se constituído em motivo de apaixonante discussão o número cada vez menor de candidatos que anualmente procuram a AMAN. Muitos, muitos mesmo, se empolgam pelo assunto, e não apenas dentro dos quartéis. Na imprensa, vale assinalar o editorial de 4 de março de 1966 do Jornal do Brasil — MISSÃO MILITAR — no qual o assunto é examinado, se não com felicidade, pelo menos com equilíbrio. E até mesmo no campo do Humorismo, no qual se destacou a figura de um colorido dominicano — FREI ROLIM, que, ao realizar na Faculdade de Serviços Sociais da P. U. C., em maio deste ano, uma palestra cujo título era “Desenvolvimento e Responsabilidade Social”, resolveu também analisar o problema e diagnosticou-lhe as causas: “sinal do desprezo que hoje o povo brasileiro vota às Forças Armadas”.

Situemos agora o problema em suas exatas dimensões, com a autoridade que nos possam emprestar vinte e cinco anos de humilde dedicação à profissão que, ainda criança, abraçamos. Nos últimos tempos tem sido cada vez menor, de ano para ano, o número de jovens que buscam ingressar na AMAN.

A primeira coisa que nos ocorreu verificar, foi se estávamos diante de um fenômeno nacional e peculiar à época de hoje. Pareceu-nos que analisar o problema num país onde a liberdade individual fôsse por excelência uma tônica, seria a melhor maneira de situá-lo no espaço.

Como se passam as coisas nos Estados Unidos da América do Norte? É Secretário da Defesa daquele país, oriundo da Administração Kennedy, o Senhor Mac Namara, hoje homem de renome mundial. O senhor Mac Namara, nos três últimos anos, entre os vários incentivos que buscou para valorizar a carreira militar, adotou os seguintes: *propôs ao legislativo uma Lei de Promoções, tentando dinamizar o acesso dos que mais se distinguissem profissionalmente; propôs também um dispositivo legal que permitisse reajustar anualmente os vencimentos dos militares;* conseguiu conceder, no intervalo de tempo acima referido, dois aumentos de vencimentos às Forças Armadas, o que no país em tela constituiu um autêntico recorde. Pois bem, ainda assim, o que se sabe (e não há motivo para desacreditar) é que em 1965, dos militares que deviam renovar seus “contratos de trabalho”, 75 % não o fizeram!

E será esta a primeira vez que o fenômeno ocorre no Brasil? Eu prefiro dizer que aquilo que minha geração, a geração que chegou à Escola Militar no período de 1939-1945, admite como normal no recrutamento para a carreira, — centenas e centenas de jovens chegando ao Realengo, numa verdadeira festa — aquilo era o anormal, fruto de uma época de guerra e de uma conjuntura mundial dentro da qual os regimens de força predominavam. Basta que se leiam dois ou três livros de memórias, para que se verifique que nos períodos de “entre guerras”, no Brasil, a busca dá carreira d’armas nunca foi expressiva. Poderíamos dizer mesmo, sem medo de errar e com orgulho, que procuraram as Fôrças Armadas em todos os tempos, no Brasil, dois tipos de jovens: aquêles que descendiam de nobres estirpes militares — os Lima e Silva, os Mena Barreto e outros, cujas raízes famos encontrar no velho Portugal, e os que chegavam à caserna analfabetos ou quase — voluntários de pau e corda — do seio dos quais surgiram Osório, Tibúrcio, Sampaio e tantos outros. Esta tem sido a oficialidade dêste Exército, legitimamente popular sem ser populista e que, predominantemente saída das camadas pobres, destas trouxe para a vida castrense as qualidades que permitiram fazer do Exército leal servidor do País e destemido guardião das legítimas fôrças vivas da nacionalidade.

Mas o fato de afirmarmos que o fenômeno existiu antes e existe em outros países não nos isenta da obrigação de bem estudá-lo e tentar resolvê-lo.

#### AS CAUSAS GERAIS DO FENÔMENO

“Só na desgraça os povos se lembram dos seus deuses e dos seus soldados”.

Nos chamados tempos de paz os homens que “vendem segurança” não recebem da sociedade o real custo da mercadoria que produzem. Até certo ponto, esta é uma atitude compreensível. Mas o baixo padrão de vencimentos que em consequência é imposto aos militares, avilta a profissão, enfraquecendo o próprio país. Daí termos dito “até certo ponto é uma atitude compreensível”, porque é antes de tudo uma atitude suicida. Assim pois, qual o filho que vendo o pai, após vinte e cinco anos de serviço, da mais completa dedicação à carreira que abraçou, dedicação esta traduzida em permanentes estudos na busca de melhor qualidade profissional e na presença continuada, no tempo e no espaço, por todo o Brasil, qual o filho, perguntamos, que vendo seu pai viver tudo isto e sem ganhar um mínimo que assegure educação razoável aos filhos e conforto indispensável à família, vai escolher a carreira do pai? Esta é pois a grande causa geral: aqui, na América do Norte ou na Inglaterra. E quanto mais êste País se desenvolver, abrindo novos horizontes aos jovens pela multiplicação de oportunidades, menos difíceis e melhor remuneradas, menor será cada vez mais a procura da sacrificada e tão pouco compreendida “Carreira das Armas”.

A esta *causa geral* — *baixa remuneração* — podemos adicionar circunstâncias outras, que funcionam como verdadeiro “espantalho”. Uma delas é, evidentemente, o aumento do curso da AMAN de três para quatro anos. Este aumento foi realmente uma medida de desafio ao bom-senso. Anteriormente adotada e logo abandonada, como não poderia deixar de ser, afastou da carreira até os jovens de poucos recursos econômicos, que não se podem permitir aguardar quatro anos para equacionar definitivamente o futuro. Mas este não é o único aspecto negativo dos quatro anos. Associada a maior duração, veio uma formação humanística, fazendo lembrar os tempos dos “doutores de anel azul”, que têm causado verdadeira frustração aos jovens cadetes, que deixaram assim de ser os mais convincentes propagandistas, não por palavras mas por ações, da carreira que abraçaram. Poderíamos citar ainda, como causa, o desaparelhamento material do Exército, mas não o fazemos por um mínimo de justiça com a Revolução Democrática, sob a égide da qual criou-se o Fundo do Exército, que se não resolver, pelo menos facilitará a solução do problema.

Não nos bastará, porém, confirmar a existência do fenômeno. Para que possamos sair do terreno das lamentações e determinar as medidas que se impõem, analisemos, embora perfunctôriamente, as conseqüências mais importantes. De início salta aos olhos a falta de oficiais subalternos nos corpos de tropa e em seguida, no dizer de muitos, a diminuição em muitos aspectos do nível do cadete. “Ab initio” somos daqueles que defendem a idéia de que, para um Exército “aí pela casa” dos cem mil homens, não há necessidade de formar mais que 250 Aspirantes da Ativa por ano. O que se impõe é que estes jovens sejam sadios mental e fisicamente, remunerados com dignidade e tendo pela frente uma carreira que lhes ofereça satisfação profissional, pela oportunidade constante de aprimoramento.

Somos também de opinião de que a falta de subalternos nos corpos de tropa seria totalmente sanada pela adoção da obrigatoriedade do estágio de serviço para os Aspirantes da Reserva. No momento, tal medida seria grandemente facilitada pela redução do curso do CPOR para apenas um ano. Assim, para o cidadão não haveria novos encargos e para o país será sempre mais econômico o oficial R-2 convocado, do que a formação de quatrocentos ou quinhentos oficiais da Ativa por ano.

E o problema do recrutamento de trezentos cadetes por ano?

Creemos que a solução seria adotar-se uma política agressiva e inteligente de recrutamento. O que chamamos pretensiosamente de inteligente? É evidente que tentar em centros como SÃO PAULO e RIO DE JANEIRO recrutar jovens para a AMAN não pode ser considerado “inteligente”. Estas e algumas outras são cidades onde o mercado de trabalho oferece amplas e até certo ponto fáceis oportunidades para

jovens de baixo nível econômico e boa escolaridade. Deve-se agir nos centros onde o mercado de trabalho ainda é fraco e o rapaz tem que emigrar para se afirmar na vida. E aqui um parêntese — o recrutamento do oficial nas camadas de modesto padrão econômico, em prestará elevado grau de autenticidade ao Exército, sem que isto signifique abastardamento intelectual. Basta que posteriormente, através de um aprimoramento constante, o Exército eleve este oficial ao nível de um OSÓRIO, SAMPAIO, TASSO FRAGOSO, RONDON, DIONÍSIO CERQUEIRA e tantos outros.

E qual será o instrumento desta política agressiva? A instalação de Escolas Preparatórias de Cadetes, quer pura e simplesmente por criação, quer por transformação do "cicilo colegal" dos Colégios Militares já existentes. Assim, o jovem que atingisse com esforço o quarto ano ginasial, ao se matricular numa EPC passaria a um estágio de vida no qual, ainda estudando, não mais dependeria totalmente da família para se manter. E isto não é uma utopia, pois assim procedemos nós em nossa mocidade.

É evidente que dentro da chave da "inteligência" estariam as medidas que evitassem a fuga da carreira, ao fim do curso da Escola Preparatória.

Imaginamos uma bela rêde de Escolas Preparatórias! MANAUS, BELÉM, atraindo os jovens ao Norte; RECIFE, por adaptação do CM; FLORIANÓPOLIS e SANTA MARIA !

Cada uma delas com não mais de cento e cinqüenta alunos e guardada por um pequeno corpo de instrutores, selecionados entre os melhores, e por professôres civis enquadrados por uma competente Seção Técnica.

É claro que isto não seria uma panacéia e sim um plano! Medidas outras complementares, se imporiam! Assim, desde logo o curso da AMAN voltaria a três anos; haveria uma redução quantitativa nos postos de Coronel e General, combinada com uma expansão no efetivo total do Exército, que não pode — a não ser que estejamos em pleno curso de política de autodestruição — ficar aquém dos duzentos mil homens. Prosseguiríamos a luta que caracterizou o primeiro ano de aplicação do Fundo do Exército e tudo isto convergindo numa campanha esclarecedora junto aos poderes competentes, no sentido de informá-los de que: a ter um Exército pequeno, mal fardado, mal alimentado e indignamente remunerado, é melhor não ter nada.

# ÁREA DE RETAGUARDA

## O CORAÇÃO VULNERÁVEL DE UMA DIVISÃO

Maj Inf (QEMA)  
JOÃO MANOEL SIMON BROCHADO  
Instrutor da ECEME

### INTRODUÇÃO

A falta de experiências bélicas utilizáveis, oriundas de conflitos produzidos com o nossa participação e conduzidos com a nossa vontade, nos tem colocado, sem razão, em uma situação de impressionante dependência profissional. A insuficiente atividade de nossas inteligências dentro da profissão, decorrente dessa dependência, desfigura o Exército Brasileiro, desde a formação de seus quadros, até a organização de suas unidades. Carecemos de um ideário profissional indígena porque, também, não nos temos dedicado suficientemente à meditação filosófica de nosso destino como Fôrça Armada. Em que pesem alguns esforços isolados e um incipiente movimento neste sentido, que ainda não contaminaram o organismo, estamos desacostumados de pensar.

Profissionalmente, o pensamento dos outros nos tem guiado.

Se despontamos como nação que salta de suas próprias fronteiras para projetar-se, influente, na busca do equilíbrio internacional, devemos, para corresponder à grandeza dessa solicitação, ousar em todos os campos de atividade. Sômente assim estaremos dignificados para a tarefa.

A experiência estrangeira no campo de nossas atividades, sempre útil enquanto não tivermos o registro da nossa, deverá ser absorvida após cuidadosa conversão de valores conjunturais. Traduzi-la, simplesmente, é transformar o pensamento adventício em fulcro. Esse crime nos deixa menores do que a nação que nos abriga e, talvez, a dirija para estranhos destinos.

A inação embota a nossa mente e emascula a nossa atividade profissional.

A ação, mesmo conduzindo ao insucesso, é sempre criadora pelas experiências que proporciona. O temor ao insucesso, se capaz de paralisar o pensamento criador, transforma-se em deletéria covardia intelectual.

Ousemos. Ousem todos os responsáveis por algum setor de nosso Exército. Fabriquemos nossas experiências. Nisso reside, sem dúvida, o valor de uma fôrça armada como instrumento de segurança. Registremos nossos erros, nossos desacertos, senão nossos sucessos, mas ousemos para tal. Estamos iludidos se pensamos evoluir só com a aquisição de mo-